



ELEIÇÕES: VOCÊ NÃO DECIDE

Democracia, democratura, democraC&A... Cada um desses termos define um pouco a “democracia de código de barras” em que estamos presos. Cada um indica um ou alguns aspectos do sistema em que podemos escolher tudo, em que podemos (devemos) consumir a liberdade, mas em que a liberdade é proibida. Desse sistema em que as vitrines exibem “liberdades”, tantas quanto as ilusões, para que acreditemos que não são ilusões, para que as ilusões de ótica escondam a liberdade. O sistema é um pouco de cada um desses termos.

Essa percepção nos leva à conclusão de que ou saímos dos códigos de barras

ou continuamos com os óculos que o sistema nos vendeu. Caso contrário, só veremos e viveremos a liberdade atrás das grades, por mais belas ou invisíveis que possam parecer.

O que essa análise tem a ver com as eleições? Em primeiro lugar, o grau de ilusão. No atual cenário mundial, as corporações, que também podemos chamar de transnacionais ou de “grandes empresas com atuação para além das fronteiras do país de sua sede”, concentram um poder absurdo. Controlam direta ou indiretamente grande parte dos recursos naturais do planeta; influenciam imensamente os gostos das pessoas (por mais que estejam lon-

ge de conseguir moldá-los completamente); trancam o conhecimento num cofre; dirigem o comércio mundial, a tal ponto que este se faz basicamente entre corporações, “legais” ou ilegais; tomam decisões que afetam de modo profundo a vida cotidiana de bilhões de pessoas; colocam o lucro acima de tudo, o ter soterrando o ser; estão envolvidas em guerras e sabem como poucos não ter alma fingindo ter, especialmente a partir da publicidade.

Mas o que nós, pessoas comuns, decidimos nesse contexto? Na publicidade, até tentam nos fazer crer que decidimos tudo, por trás do discurso sempre presente, subliminarmente ou não, de que basta consumir para ser feliz e de que o único sonho que vale a pena e que é permitido é o sonho de consumo. O sonho do sistema é que introjetemos até as mais profundas raízes do nosso ser a ideologia *Just do it*. No sistema, a democracia é apenas um espetáculo em que nos são apresentadas duas ou três possibilidades de enredo e então nos dizem: “Você decide”. Mas e se quisermos inventar nossa própria história? E também se, em vez de simplesmente votarmos cada um isoladamente, tentássemos efetivamente decidir nossos rumos do modo mais coletivo possível, sem que isso, contudo, representasse a impossibilidade do individual ou, mais precisamente, sem que isso representasse o esmagamento do individual pelo coletivo? Para o sistema, tudo isso é proibido e as únicas escolhas permitidas são aquelas dentro de seus limites.

As maiores decisões no sistema são tomadas de forma antidemocrática e,

em muitos aspectos, totalitária. Ter o direito de votar para presidente de um país é menos antidemocrático do que não ter? Pelo menos, a princípio, sim. Porém, em grande medida, acaba sendo uma transferência de poder do povo para quem é eleito. A chamada democracia brasileira tem como uma de suas linhas de continuidade com a ditadura civil-militar de direita imposta com o golpe de 1964 servir ao capital, especialmente ao grande capital. Os generais Electric, Motors e outros usam farda ou gravata, mas mandam em ambos os cenários, em geral com camuflagem. Quando o tanque se tornou obsoleto, foi substituído pelo carro-forte.

Lula “brincou” há alguns meses, dizendo que, quando saísse da presidência do Brasil, ia querer presidir a Petrobra\$, porque o presidente da Petrobra\$ manda mais que o do Brasil. A frase não é completamente de efeito, por mais que não corresponda exatamente à realidade. De qualquer forma, algumas perguntas são bem importantes. Por exemplo: quem escolhe o presidente da Petrobra\$ e como essa escolha é feita? Por que a empresa tem um presidente e um conselho de administração, com grandes capitalistas e outros representantes do capital, em vez de seus rumos serem definidos realmente pelo povo, por meio, por exemplo, de comitês populares pelo país afora, se estruturando pela base? Por que não é controlada pelos trabalhadores, tanto pelos petroleiros quanto pelo conjunto da classe trabalhadora? Por que o povo nunca é sequer consultado sobre os rumos da Petrobra\$ e, de modo mais amplo,

“A Justiça é como as serpentes: só morde os pés descalços.”

Monsenhor Oscar Romero

da política energética do país, mesmo a empresa tendo participação do Estado e tendo sido criada, como Petrobras, pela campanha “O Petróleo é Nosso”? Quem definiu que a Petrobra\$ seria uma transnacional, que explora povos? Quem decidiu sua lógica de funcionamento? Quem decidiu que se guiaria pelo cifrão e não pelos mais profundos interesses do povo brasileiro, em solidariedade com os demais povos?

Nas recentes eleições presidenciais, os partidários da candidata Dilma Rousseff, mesmo os mais críticos, defenderam a tese de que ela representava um projeto oposto ao de José Serra, um projeto de esquerda e até popular, nos dizeres de alguns, contra um projeto de direita e elitista. Entre outros “argumentos”, disseram que com Lula e Dilma a Petrobra\$ serve ao povo e que com FHC e Serra ela seria privatizada. Podemos até considerar que os candidatos não encarnavam exatamente o mesmo projeto. Podemos até também estender essa visão para o caso específico da Petrobra\$. Porém, se analisarmos de modo crítico, é difícil não vermos que há mais semelhanças do que diferenças entre os dois projetos. Tanto em termos da Petrobra\$ quanto em termos mais gerais. A Petrobra\$ continua com ações em bolsas de (anti) valores, inclusive na de Nova Iorque, continua com um grau elevado de alienação do trabalho, continua exercendo o sub-imperialismo, continua, em suma, seguindo sobretudo a mercado-lógica e servindo à burguesia, com o Estado, no final das contas, auxiliando o mercado. Talvez possamos dizer que os dois projetos são, mais precisamente, duas variantes de um mesmo projeto. São variantes do capitalismo. São duas formas de administrar o sistema. Mas os objetivos são os mesmos. Maximizar os lucros dos acionistas, maximizar os lucros dos capitalistas. E aí de quem se colocar contra isso, especialmente na prática. Delfim Netto, um dos principais economistas da ditadura empresarial-militar de 1964, é um entusiasta do lulismo, especialmente porque considera que Lula salvou o capitalismo “brasileiro”. De fato, podemos imaginar o seguinte desenho: um circo, com Lula no meio do picadeiro, vestido de mágico, segurando um arco com a mão esquerda e um chicote com a direita, diante de um leão, que representa a

classe trabalhadora, e tendo na platéia, em camarotes disfarçados de arquibancada, parte dos capitalistas brasileiros e estrangeiros, aplaudindo sua façanha e guardando no cofre as moedas de ouro dos ingressos. Lula é o domador da classe trabalhadora brasileira.

O industrial estadunidense da indústria automobilística Henry Ford, que tinha simpatia pelo nazismo, compreendeu que seu negócio poderia crescer muito se o mercado consumidor se ampliasse. Nesse sentido, em vez de insistir no elitismo puro, pagou um pouco melhor seus trabalhadores e incentivou o esquema de crédito. Não sonhe em mudar o sistema; se esforce pra realizar seus sonhos de consumo. Eis um dos principais “compre Batom, compre Batom...” do sistema.

Se o voto nulo pelo voto nulo é um tipo de fetichismo, a ilusão certamente mais difundida é a de que é possível haver democracia de verdade numa sociedade capitalista. Dependendo da conjuntura, o sistema capitalista adota a “democracia”, com todas as aspas citadas no primeiro parágrafo, ou a ditadura escancarada mesmo. Depende, em parte, do que tende a maximizar mais os lucros em cada momento. O regime pode até mudar, mas o sistema tem que permanecer intocável. Só viveremos realmente em uma democracia quando a construirmos desde as bases, desde cada local em que estamos inseridos, em nosso dia-a-dia. Democracia de verdade rima com poder popular. E não chegamos ao poder popular sem organização popular. Por isso, participamos dessa construção no cotidiano. Não queremos tomar o poder. Queremos que todos tenham poder, pois assim a natureza do poder será diferente. Essa é a nossa estratégia, contrariamente ao que coloca em prática grande parte da chamada esquerda, que subordinou tudo à busca de postos-chave na administração do sistema, quando não abandonou, pura e simplesmente, a luta revolucionária. No nosso caminho, você decide de verdade. Cada um decidindo, junto com os companheiros, no dia-a-dia. Para que todos possamos decidir livremente os rumos das nossas sociedades, e não apenas os detalhes, não somente as ilusões no programa televisivo.



Relato de mais um despejo no Rio de Janeiro.

Dia 13 de dezembro de 2010 ocorreu o segundo despejo dos ocupantes da Guerreiro Urbano, rua Mém de Sá, 234. Como militante do Movimento dos Trabalhadores Desempregados – pela base – do Rio de Janeiro, atuei ativamente na organização dessa nova ocupação. Já na primeira tentativa, nós do MTD manifestávamos nossa preocupação com relação a atual conjuntura e tínhamos pouca confiança na possibilidade de a ocupação ser bem sucedida. No entanto, mesmo com essa ressalva apoiamos o processo por entender que além da demanda imediata por moradia, a atual expulsão da pobreza para as regiões periféricas precisa ser criticada, precisa ser combatida.



No entanto, mesmo percebendo as apontadas dificuldades, o último episódio de repressão superou negativamente as nossas estimativas. A polícia foi absolutamente truculenta, apesar de haver um número significativo de apoiadores posicionados na frente da ocupação. Durante o episódio anterior a esse, na rua Sara em novembro, o qual já foi extremamente agressivo, conversei com uma moradora, que me disse algo como “está vendo o que eles fazem com a gente? E isso não é nada comparado com o que seria se vocês (apoio) não estivessem aqui!”. Essa colocação da moradora foi absolutamente acertada se considerado o contexto anterior ao atual. No entanto, o que vemos é uma situação que supera em repressão o período em que um suposto “Estado de Direito” atacava apenas aqueles “sem voz”. Agora o cenário é ainda mais crítico, pois para atacar a pobreza e fazer valer o interesse dos ricos capitalistas, estão passando o trator até em pessoas que antes não deviam ser tocadas devido a sua condição social.

Sabemos que, apesar de com o Iluminismo os seres humanos serem considerados iguais, a sociedade de classes nos faz muito diferentes. E a repressão policial sempre se guiou por essa diferença. Um estudante branco da zona sul nunca apanhou como um camelô negro da periferia. E isso sempre foi usado no processo de ocupações para buscar garantir ao máximo a segurança daqueles que por sua condição econômica e cor de pele são os mais vulneráveis em nossa sociedade. Nessa última tentativa, além de estudantes universitários (grupo imediatamente identificado pelos policiais), havia diversos funcionários públicos além de advogados, defensores públicos e um vereador do PT. Ainda assim, o INSS do Rio de Janeiro, que administra o imóvel em espólio, não cedeu a qualquer negociação e a polícia militar, sem qualquer aviso prévio, saiu atacando os apoiadores com cacetetes, sprays de pimenta, bombas de efeito moral, tiros de balas de borracha. Até mesmo a defensora pública Adriana Britto e o vereador Reimont foram alvo da pimenta, isso mesmo com a presença da imprensa no local!

Tal atitude demonstra que hoje, a polícia, graças a construção midiática que adornou as forças repressivas como super-heróis do combate a violência, exerce a sua própria violência sem quaisquer restrições ou críticas. Assim, os capitalistas, verdadeiros beneficiários dessa situação, podem usufruir ao

máximo dos prédios públicos e os vários benefícios a eles concedidos pelo estado, fruto da expulsão da pobreza.

Para o povo pobre e para aqueles que vierem a se opor a esses privilégios, a resposta é a repressão brutal como foi por nós experimentada nesse 13 de dezembro, data que coincidentemente foi promulgado em 1968, durante o Regime Militar, o famoso AI-5. Também na conjuntura atual, mesmo sem a promulgação de um ato institucional, está sendo instaurando quase que um estado de sítio, com supressão das regras antes vigentes num suposto “estado de direito”. Mesmo na presença da mídia e de autoridades, a polícia militar, sem qualquer mandado e sem atribuição legal para fazer o despejo, conforme bradava a defensora pública, além de bater, invadiu o prédio ocupado por pessoas desarmadas e que não opuseram qualquer resistência, arrombando e simultaneamente envenenando com gás de pimenta e bombas, crianças, idosos e uma mulher grávida, que saíram passando mal do prédio. As crianças choravam de dor e de desespero, com medo do que pudesse ter ocorrido a seus familiares. Uma menina em prantos que socorri com vinagre para aliviar a dor da pimenta, clamava desesperadamente por sua mãe enquanto eu tentava acalmá-la. Verdadeira ação terrorista do Estado! Um espetáculo de horror e dor que parecia não afetar as forças repressivas nem muito menos os burocratas do INSS. Esses últimos, além de não terem que presenciar aquelas cenas terríveis, apenas deram a ordem com total frieza e se recusaram terminantemente a nos receber quando caminhamos após o despejo, exaustos, sujos, doloridos e com 8 companheiros presos, para nos manifestar na sede do INSS. Lá, quando chegamos, fomos barrados na porta. Um segurança falou que iria comunicar a superintendência do instituto para ver se poderíamos encaminhar uma comissão para dialogar. Aguardamos sem respostas, e ao invés da superintendente, fomos recebidos por mais viaturas da polícia! Revoltada, liguei para o telefone da superintendência e apesar dos meus protestos, disseram apenas que não tinham nada o que falar conosco e que não nos receberiam. Diante dessa situação, exaustos, nos reunimos e concluímos que era melhor seguirmos nos organizando e denunciando o que ocorrera, mas naquele momento, o mais sensato era nos dispersar para adiante seguirmos lutando.

Na saída, carregávamos galões e panelas. Cansados pelo peso e por tudo que tínhamos passado, resolvemos esvaziar uma panela de arroz quando fomos prontamente censurados por meninos engraxates. Para eles aquele desperdício era absurdo, pois pessoas como eles poderiam se alimentar daquela comida. Tal situação me comoveu tremendamente. Terrível foi pensar que tantos fecham os olhos para essa realidade. Uma profunda tristeza me invadiu... Como ignorar essas pessoas que em meio ao centro de uma das maiores cidades do mundo, vivem em tanta miséria?! Para os burocratas, um prédio abandonado para ser entregue a uma construtora, que certamente os apadrinha, vale humilhar e submeter tantas vidas à opressão do capital! Essa sim é uma miséria digna de vergonha!

Mas o movimento segue e um ato em repúdio a tudo isso está marcado pelo Comitê de Solidariedade às Ocupações do Centro e unidos seremos mais fortes, e como tudo na história sempre muda, um dia essa sociedade desigual também há de ser superada por um mundo mais fraterno!

Mariana Affonso Penna

(Membro da *Organização Popular* e do *Movimento dos Trabalhadores Desempregados pela base*. Atua no *Reunindo Retalhos* e no *Comitê de Solidariedade às Ocupações do Centro*)



Ações Policiais no Rio de Janeiro

Após a tomada de uma casa que servia a traficantes na Vila Cruzeiro, um policial foi perguntado sobre qual seria o destino do imóvel. A resposta foi que – como símbolo do que está acontecendo na comunidade – ali passaria a funcionar um batalhão da PM. Realmente tal “mudança” na função do imóvel é bastante emblemática do que ocorre hoje na vida da população de favela. Onde antes existam homens armados intimidando o povo, agora haverá... homens armados intimidando o povo, só que uniformizados e remunerados pelos cofres públicos. A população está passando a ser oprimida pelos ditadores fardados e não mais pelos já conhecidos varejistas da droga.

Na quinta-feira, 25 de novembro de 2010, uma ação que reuniu três mil policiais e militares das Forças Armadas ocupou simultaneamente as comunidades de Vila Cruzeiro (uma das 10 favelas do complexo da Penha) e o Complexo do Alemão (formado por 12 favelas), região onde vivem mais de 400 mil pessoas. E qual o perfil desse povo? Será que o que ele está precisando é de mais armamento e truculência estatal? Quais são suas demandas?

Bem, o Complexo do Alemão é considerado, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o bairro dono dos piores Índices de desenvolvimento Social (IDS) do Rio de Janeiro. Calculado ainda que pelo suspeito Instituto Pereira Passos (IPP), o índice leva em consideração o acesso da população ao saneamento básico, à habitação, à escola e ao mercado de trabalho. Segundo os dados, nas 12 comunidades do maior complexo de favelas da cidade, 15% das residências não contam com rede de esgoto; 36,43% dos chefes de família têm menos de quatro anos de estudo; um em cada 11 moradores com mais de 15 anos de idade é analfabeto; na faixa etária entre 15 e 17 anos, 11,37% das meninas já são mães; 60,55% dos trabalhadores ganham, no máximo, dois salários mínimos; na faixa etária dos 15 aos 17 anos, 27,83% dos jovens não frequentam a escola.

Mesmo assim, as ações que vemos por parte do governo em nada se voltam para a reversão desse quadro calamitoso. Pelo contrário, os sucessivos gover-

nos roubam e espancam camelôs através da Guarda Municipal; reprimem os sem-terra, favorecendo assim o êxodo rural e o aumento de favelas. O mesmo Estado que diz querer resolver o problema das favelas ataca o movimento sem-teto, fazendo, com isso, que famílias deixem de viver de maneira comunitária e harmônica em ocupações e sejam obrigadas a residir em morros labirínticos, facilmente domináveis por traficantes e milícias opressoras. A verdade é que o Estado não quer resolver o problema das comunidades carentes, mas sim favorecer grandes comerciantes, latifundiários e a especulação imobiliária.

O curioso é que alguns políticos, mesmo aqueles que se notabilizam pela defesa de políticas humanitárias, não têm feito muito para impedir a ascensão de um Estado policialesco. É o caso do depu-

Biblioteca Social Fábio Luz

Fundada em 18 de novembro de 2001

Nosso acervo compreende livros sobre anarquismo, mov. operário, biografias, história, filosofia, literatura, ciências sociais, além de periódicos, jornais, fanzines e DVDs.

Rua Torres Homem 790,
Vila Isabel - CCS/RJ
sábados de 09h às 17h
fabioluz@riseup.net

Subscrição do Libera

Os seguintes companheiros contribuíram com o Libera:

A. Copelli	Durden Polain
A. Varella	El-Brujo
Alga	Fontes
CALC	G. Schittini
Caralâmpio	Katonigra
Gav-Negro	Poressasbandas
Cauã	Rudesindo
Duarte da Paz	Rum
	Tutaméia

Apoie você também!

farj@riseup.net

Tiragem: 3.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião da FARJ

tado estadual Marcelo Freixo (PSOL-RJ) – aliás, estrela na pele do personagem “Fraga”, do comemoradíssimo “Tropa de Elite 2”, do não menos “comemorado” liberal José Padilha - que pregou em seu recente discurso na ALERJ: mais recursos públicos para a PM, mais armamentos, mais “inteligência” e maiores salários para os policiais. Assim, a julgar pelo discurso de Freixo, em que pese algumas outras sugestões previstas em um contexto de “estado de direito”, este prescreve medidas no sentido do aperfeiçoamento das principais instituições repressivas (polícias, exércitos etc.), nas suas funções de defesa da propriedade privada e da legalidade burguesa. Dentro da perspectiva capitalista, essas são propostas coerentes, mas querer chamar isso de Socialismo é clara hipocrisia.

Hipocrisia também é o que podemos observar na maioria das coberturas que a imprensa tem feito ultimamente. A mídia burguesa brasileira (Rede Globo, SBT, Record e outras porcaria) têm transformado a cobertura das incursões policiais em verdadeiros shows, onde o sensacionalismo e a bajulação do governo e suas polícias marcam forte presença. Só que, para boa parte dos moradores das favelas cariocas, as invasões policiais nas comunidades pouco têm de heróico, bonito ou *glamouroso*.

Em entrevista ao jornal Correio Brasiliense, o representante de vendas Ronai Braga, de 32 anos, morador da Vila Cruzeiro, denunciou a invasão de sua casa por policiais, que destruíram móveis e eletrodomésticos e roubaram cerca de 30 mil reais. O dinheiro era fruto de uma rescisão trabalhista e seria usado para comprar um imóvel, contou Ronai.

No geral, a imprensa está criando um “oba-oba geral” em torno da suposta “derrota do crime organizado”. Mas devemos ter um olhar mais atento sobre essa questão. Afinal, basta ver qual tipo de pessoa está sendo presa para notarmos algo de errado nessa história toda. Os presos – basta observar – são todos favelados negros e pardos. Ora, o crime organizado é aquele que permeia o aparelho estatal, tem ramificações internacionais, conta com representantes em parlamentos pelo mundo a fora, elege

e derruba governos nacionais, ou seja: é obra de gente da elite.

Os que estão sendo presos hoje no Rio são só pequenos varejistas das drogas ou, no máximo, “micro-empresários” dos entorpecentes, que têm seguido a lógica “empreendedora” (leia-se individualista e não-solidária) propagada pela própria ideologia capitalista defendida pela imprensa brasileira.

Outro aspecto conjuntural, aquele que nos remete a importância do Rio de Janeiro para os eventos de 2014 e 2016, Copa do Mundo e Olimpíadas respectivamente, encontra na especulação imobiliária e nas obras de infra-estrutura para a capital do estado grande relevância. O projeto “Porto Maravilha”, revitalização da área portuária do centro do Rio; os anéis viários, que já estão justificando a remoção de várias comunidades carentes na zona Oeste; assim como as ações orquestradas pelas obras do PAC, formam o conjunto de ações a compor o mosaico da fachada burguesa que deve substituir a cidade real, aquela formada pela imensa massa humana de explorados e carentes. E a guerra de classes, escamoteada pelo combate ao narcotráfico, na Vila Cruzeiro e no Complexo do Alemão, é apenas mais um sintoma.

Assim, no Capitalismo, as alternativas deixadas ao povo pobre, negro, carente, são mesmo bastante escassas. 122 anos após o término oficial da escravidão no Brasil e 100 anos após a Revolta da Chibata, os negros e pardos ainda são imensa maioria nas favelas e prisões. Então nos cabe perguntar: que possibilidade de ascensão é essa que a “democracia” nos garante, com igualdade de oportunidades?

Historicamente o Capitalismo tem reservado o que há de pior para os trabalhadores, tanto mais quando estes podem ser identificados com o crime e a contravenção. O que se assiste no Rio de Janeiro hoje, para além do que aqui foi exposto, é a didática parceria entre a mídia, o “poder público” e o empresariado. Como em outros momentos, tal acordo sempre custou muito ao povo. No caso atual, com maior evidência, a contabilidade pode ser aferida em vidas humanas.



NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS

Eventos libertários recentes: Durante a Semana de Graduação Geografia realizada na UERJ/FEBE no dia 26 de outubro, Robledo Mendes, militante da FARJ e membro do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa (NPMC) apresentou a palestra *Elisée Reclus, a Educação Integral, suas Relações com o Movimento Operário*. A 4 de novembro, Milton Lopes, jornalista, pesquisador do anarquismo e integrante da FARJ e do NPMC, esteve presente ao Seminário alusivo ao centenário de falecimento de Leon Tolstói, promovido por estudantes que integram o Coletivo Anarquismo em Grupo de Estudos, realizado na UFF (campus do Gragoatá), palestrando sobre *Tolstói e o Anarquismo*. A 18 de novembro Alexandre Samis (FARJ) juntamente com Sérgio Mesquita (NPMC), compuseram mesa sobre o *Centenário da Revolução Mexicana* em atividade realizada no SINDIPETRO-RJ e que se repetiu no dia 20 em sessão do Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres (CELIP), realizada no CCS-RJ.

ELAOPA: O ELAOPA surgiu em 2003 como um espaço alternativo ao Fórum Social Mundial, onde não participam partidos políticos, ONG's e nem representantes de governos; entidades estas que diferem de nossa realidade e das intenções de nossas organizações. O ELAOPA pretende juntar, encontrar e articular a luta de organizações populares da América Latina, colocando-as como atoras à partir das suas necessidades, realidades e anseios. Já participaram diversos grupos/organizações: agrupamentos sindicais e sindicatos, coletivos culturais, muralistas, grupos de teatro, movimento de piqueteiros, desempregados/as, movimentos de luta pela terra, coletivos feministas, centros sociais, ateneus, organizações camponesas, ecologistas, coletivos em defesa dos direitos humanos e entidades estudantis. Um dos principais eixos tem sido a construção do poder popular, por uma perspectiva autônoma e de base, ou seja, desde baixo, capaz de resistir à opressão capitalista e criar alternativas de luta conjuntas, rompendo barreiras e fronteiras, a partir da solidariedade entre os/as companheiros/as. O IX ELAOPA será realizado nos dias 22, 23 e 24 de janeiro de 2011 no Centro de Formação Campo-Cidade do MST, na cidade de Jarinú, Grande São Paulo, acesso pelo trem em Campo Limpo Paulista. Participe e faça sua inscrição pelo site www.elaopa.org. As inscrições poderão ser realizadas até 10/01/2011. Para cobrir os gastos de alimentação e infraestrutura do encontro é solicitada a contribuição de R\$ 25,00 depositáveis em banco. Importante citar também que as/os companheiras/os que estiverem fora do Brasil, poderão fazer sua contribuição na chegada. Dúvidas pelo email: ixelaopa@riseup.net.

Dias de Luta: O Pró-Coletivo Anarquismo Organizado, de Joinville/SC, está caminhando para se tornar uma organização. O nome será *Organização Dias de Luta* que, em janeiro, lançará o informativo *Palavras de Luta*, que virá com um texto sobre a formação da organização e um panorama das lutas sociais na cidade de Joinville em 2010. Longa vida a ODL!

Lixo da História: O “bar-restaurante Lixo da História”, o pior antro do mundo inferior, recebeu recentemente dois novos fregueses. No dia 26/10, desencarnou aos 79 anos em São Paulo o ex-delegado do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) Romeu Tuma. A partir de 1969, no auge da ditadura militar, trabalhou com o torturador psicopata Sérgio Fleury no DOPS, atuando na repressão às organizações de esquerda. Em 1975, passou a dirigir o DOPS e se dedicou à repressão aos movimentos grevistas do ABC. No dia 8 de novembro, desembarcou no sórdido estabelecimento o Almirante Emílio Massera, um dos símbolos mais detestáveis da ditadura argentina (1976-1983). O degenerado dirigiu a Escola de Mecânica da Armada (ESMA), considerado o pior centro de repressão da ditadura, cenário de sequestros, torturas, assassinatos, violações, partos clandestinos e outras tantas atrocidades. Ao contrário de Tuma, que morreu livre, rico e senador, Massera foi condenado à prisão perpétua em 1985, sendo indultado por Menén em 1990 e, em 1998, novamente condenado por crimes durante a operação Condor e por roubo de bebês. Outro futuro cliente, mas que já faz parte do “Lixo da História”, o general Jorge Rafael Videla, principal líder da ditadura argentina, foi condenado prisão perpétua por crimes contra a humanidade. Outros 14 torturadores argentinos, entre policiais, militares e carcereiros, foram condenados agora em dezembro a longas penas de prisão. Enquanto isso, aqui no Brasil, os cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) escolheram como patrono da turma 2010 o já antigo cliente do antro, general Emílio Garrastazu Médici, presidente-militar do Brasil na fase mais negra da ditadura. Em seu discurso aos formandos, o atual Comandante do Exército, general Enzo Peri, declarou o seguinte: “A cada passo, honrará a memória do Patrono da sua Turma, o General Emílio Garrastazu Médici, cujo nome sinaliza, acima de qualquer interesse particular, dignidade, honradez, profissionalismo e amor à Pátria Brasileira.” Pelo visto, o “bar-restaurante Lixo da História” vai ter que expandir muito suas instalações nas próximas décadas...



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2 CP 15001. CEP 20155-970. Rio/RJ * BRASIL: FAO www.vermelhoenegro.org * ORL - CE resistencialibertaria@riseup.net * FASP www.anarquismosp.org * FAG www.vermelhoenegro.org/fag * Rusga Libertária - MT <http://rusgalibertaria.blogspot.com> * CAZP - AL www.cazp-al.blogspot.com * Pró-CAO <http://pro-cao.blogspot.com> * GEIPA <http://www.geipajoinville.blogspot.com> * VN - BA www.vermelhoenegrofaa.wordpress.com * CALC <http://coletivoanarquistalutadeclassa.wordpress.com> * ÁFRICA DO SUL: ZACF www.zabalaza.net * ARGENTINA: OSL www.osl.org.ar * Red Libertaria www.red-libertaria.net * CLJP www.cljp.com.ar * COLÔMBIA: RLPKM <http://www.redlibertariapmk.org> * BOLÍVIA: OARS <http://www.oars.tk> * CHILE: OCL ocl.chile@gmail.com * CAL <http://labatalladelostrabajadores.blogspot.com> * COSTA RICA: Pró-FAC (Círculo de Estudios la Libertad) <http://revistalalibertad.blogspot.com> * FRANÇA: CNT Vignoles www.cnt-f.org * MÉXICO: AMZ <http://espora.org/amz> * CAMA <http://espora.org/cama> * PERU: USL www.uslperu.blogspot.com * URUGUAI: Colectivo Pró-OSL * FAU www.nodo50.org/fau * CSL <http://periodicorjoynegro.blogspot.com> * EUA/CANADÁ: NEFAC www.nefac.net * UCL www.causecommune.net * ITÁLIA: FDCA www.fdca.it * IRLANDA: WSM www.wsm.ie * ESPANHA: CNT www.cnt.es * CGT www.cgt.org.es * www.anarkismo.net